


Em busca de um Estado de Recreio na escola privada: desafios de uma turma multisseriada

In search of a Recreation State in private school: challenges of a multigrade class

 <https://doi.org/10.56238/sevedi76016v22023-031>

Maria Jade Pohl Sanches

Gabriel Veras Reis

RESUMO

Este artigo trata de uma pesquisa narrativa, a partir das experiências de uma professora do Ensino Fundamental e de um auxiliar de turma em uma classe multisseriada de uma escola privada do município de Santa Maria-RS. O tema parte da nossa perspectiva sobre a união de três vertentes: Estado de Recreio, rede privada de ensino e turmas multisseriadas. Nosso objetivo geral foi: Estimular o Estado de Recreio em uma turma mista dentro de uma escola particular. O objetivo acima descrito vêm a partir de teorias, vivências e práticas, em planejamentos de estratégias de ensino desenvolvidas em nosso trabalho colaborativo de docência com uma turma multisseriada, além das discussões a partir da Pesquisa Narrativa que foi realizada com um relato de experiência. Como resultado parcial investigativo, é apresentada uma forma diferenciada de educar, e evidencia-se alguns desafios das escolas de rede privada. Com este estudo, busca-se discutir soluções e alternativas educativas e recreativas para as diferentes idades dentro de sala de aula.

1 INTRODUÇÃO

ENFRENTANDO DESAFIOS DA DOCÊNCIA

Este artigo trata de uma pesquisa narrativa, a partir das experiências de uma professora do Ensino Fundamental e de um auxiliar de turma em uma classe multisseriada de uma escola privada do município de Santa Maria-RS. O tema parte da nossa perspectiva sobre a união de três vertentes: Estado de Recreio, rede privada de ensino e turmas multisseriadas. Primeiramente apresentamos o Estado de Recreio, discutindo sobre sua existência ou não dentro de sala de aula em uma Instituição particular de Ensino Fundamental (anos iniciais), particularmente uma turma multisseriada (que agrega estudantes de 06 a 10 anos). A partir dessas discussões, nos inquietamos com algumas questões:

Palavras-chave: Estado de Recreio, Turma multisseriada, Educação Básica.

ABSTRACT

This article is a narrative research, based on the experiences of an elementary school teacher and a classroom assistant in a multigrade class in a private school in the city of Santa Maria-RS. The theme starts from our perspective on the union of three strands: Recreation State, private school network, and multiseriial classes. Our general objective was: To stimulate the Recreational State in a mixed class in a private school. The objective described above comes from theories, experiences and practices, in planning teaching strategies developed in our collaborative teaching work with a multigrade class, besides the discussions from the Narrative Research that was carried out with an experience report. As a partial investigative result, a differentiated way of educating is presented, and some challenges of private network schools are evidenced. With this study, we seek to discuss solutions and educational and recreational alternatives for the different ages in the classroom.

Keywords: Recreio state, multigrade class, elementary education.

Como o recreio aconteceria na sala de aula? Como um professor poderia influenciar seus alunos e se deixar influenciar para que haja um Estado de Jogo existencial na aula? A educação deve ser séria? Infantilizada? Tradicional? Didática? Ou pode ser uma experiência rica em diversão e aprendizagem? A sala do recreio também pode ocorrer na sala dos professores? Professores de uma escola particular? Em uma turma mista de diferentes idades? Junto com essas inquietações, surge o principal problema da pesquisa: Como estimular o Estado de Recreio em uma turma multisseriada, dentro de uma escola particular com suas inúmeras cobranças?

Procuramos responder este problema a partir do nosso objetivo geral: Estimular o Estado de Recreio em uma turma mista dentro de uma escola particular. E nossos objetivos específicos que são: Discorrer sobre o conceito de Estado de Recreio e a importância em estimulá-lo na escola particular; identificar a importância das metodologias como estratégias de ensino e de aprendizagem para uma turma multisseriada e apresentar os resultados de uma tentativa de Estado de Recreio em sala de aula.

Os objetivos acima descritos vêm a partir de teorias, vivências e práticas, em planejamentos de estratégias de ensino desenvolvidas em nosso trabalho colaborativo de docência com uma turma multisseriada, além das discussões a partir da Pesquisa Narrativa que foi realizada com um relato de experiências destas vivências em sala de aula, nas quais procuramos investigar a questão: Nas estratégias expostas ao decorrer dos encontros, houve Estado de Recreio?

O referencial teórico dá apoio ao diálogo que trazemos, com base no Estado de Recreio na Educação, em que Bachelard (2009) e Winnicott (2020), propõem uma forma diferenciada de educar (brincando e devaneando). Para apresentar os desafios das escolas de rede privada, Foucault (2009) a partir de seu sistema panóptico de vigiar e punir, nos traz um holofote para dar luz aos desafios da docência. E para dar continuidade às discussões sobre turmas multisseriadas, Melo; Ferreira (2019) e Silva (2007) apresentam o cotidiano, seus desafios e soluções enfrentados pelos professores ao se depararem com as diferentes idades dentro de sala de aula.

O aporte teórico apresentado acima contribui com o artigo que está dividido em desafios enumerados que fomos nos esbarrando ao longo das aulas com a turma. Primeiramente apresentamos o Estado de Recreio e discutimos sobre a Rede Privada de ensino e suas inúmeras cobranças aos professores. Em seguida, trazemos o cotidiano “temido” de uma turma multisseriada, para então apresentarmos as estratégias brincantes desenvolvidas na turma mista (como denominada por nós, professora e auxiliar de turma) em uma tentativa de estimular um recreio existencial em sala de aula. Como conclusão, discorreremos sobre os desafios que se seguem na carreira docente em escolas particulares, onde nós professores necessitamos de resiliência e coragem para não desistir. E ressaltamos a importância da parceria e cumplicidade entre professor regente e auxiliar de turma para o processo de ensino-aprendizado de modo potente.

2 PRIMEIRO DESAFIO: O ESTADO DE RECREIO NA REDE PRIVADA

Mas o que seria esse Estado de Recreio? Primeiramente, descreveremos como entendemos a palavra/evento recreio: um espaço escolar onde as crianças podem brincar livremente e fazer o que quiserem. Quando toca o sinal de partida, ouvimos vozes animadas, arrastando cadeiras e correndo para o pátio, este momento agradável dura de quinze a vinte minutos. Quando termina, ouvimos queixas, algumas "caras tristes", suor, adrenalina e nostalgia. Depois de voltar para a sala, muitas vezes é difícil manter a atenção, é necessário dar alguns minutos aos corpos para voltarem ao normal (e muitas vezes não voltam).

Mesmo não retornando a aula como deveriam (segundo alguns professores), o recreio é um momento importante para o aprendizado. Afinal, a escola é a soma das duas frentes de trabalho. É um espaço de aprendizado, mas também é um espaço de convivência, de troca social, de afetos. Nesse sentido, o Estado de Recreio conceituado por Sanches (2018) traz sinônimos como espaço de brincadeira, disponibilidade e presença, e para Ryngaert (2009) a presença é vista como uma energia que vibra na criança no momento em que se entrega a uma experiência lúdica e criativa. É um estado de vitalidade, uma presença viva para si mesmo, para o mundo e para o outro. A observação desse espaço permite compreender a cultura, a história, a subjetividade, o estado corporal dos alunos quando os vivenciam. A marca de uma criança é a sua expressão através da intensidade e aprendizagem, da experimentação e brincadeira.

Para alguns adultos, isso parece uma perda de tempo, mas na verdade as crianças também aprendem brincando. Esse Estado consciente, onde a criança brinca, cria regras, se diverte e às vezes fica entediada, também acontece na sala de aula. Em muitos momentos no universo imaginário, que algumas aulas estimulam, percebemos uma semelhança entre o recreio escolar das crianças e a sala de aula. Em algumas aulas prazerosas, nota-se a autonomia das crianças, que também está presente no recreio. Compartilham seus lanches, brinquedos, em alguns momentos gerando até mesmo uma ansiedade. Além de momentos agradáveis e lúdicos, o intervalo oferece a observação das crianças em sociedade, o poder e o status das cenas de conflito, brigas e batalhas imaginárias entre seus pares: O brincar “é a condição da aprendizagem e, desde logo, da aprendizagem da sociabilidade” (SARMENTO, 2004, p. 16).

Outra semelhança que encontramos nestes espaços é a expressividade corporal das crianças, aspecto muito interessante que permite analisar se elas estão gostando ou não da proposta. No intervalo, os alunos apresentam corpos presentes, alertas e prontos para o que der e vier. Em geral, mesmo que haja resistência no início de uma aula, se o professor for um bom mediador e conseguir estimular, as crianças vão mobilizando gradativamente esses corpos e estimulando a expressividade e a liberdade: “É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação (WINNICOTT, 2020, p. 88).”

Na escola, notamos corpos acostumados a ficar horas sentados nas classes, o que nas aulas de Educação Física ou Artes, por exemplo, gera certa resistência e reclamação quando solicitado a se movimentar pela sala. Porém, quando a aula é diferente, fora da zona de conforto, o estudante faz uma

imersão no processo, se expressando física e artisticamente e se permite brincar, assim como no recreio. Parece-nos que as crianças têm uma capacidade de imaginar, criar e experimentar, que nós, adultos (professores e auxiliares) fomos perdendo este *estado* ao longo da docência, como nos lembra Bachelard: É um *estado*. Penetremos no fundo de sua essência: é um estado de alma. (BACHELARD, 2009, p. 18).

Para que esse Estado de Recreio ocorra, nós precisamos estar disponíveis para brincar com as crianças, reinventar histórias, imaginar, sonhar, talvez precisássemos (novamente) acessar aquela infância em nós, vivenciar o recreio e aprender com as crianças. Mas, e na Escola Particular? Onde a cobrança muitas vezes é intensa, o recreio sobrevive a ela? Hoje vivemos uma hierarquia arcaica na escola particular, na qual se faz preciso uma coragem para se reinventar. Nós professores somos cobrados o tempo inteiro tanto pela diretoria, como pelos pais dos estudantes que estão preocupados com o conteúdo e com a alfabetização dos filhos. Encaram uma turma multisseriada (como explicaremos a seguir) como uma aula de reforço. Mas não olham para a escola como lugar de construção de subjetividades. Não estão preocupados com a formação das crianças, mas sim, se elas serão capazes de aprender. Em meio a esse trabalho árduo no qual escutamos a todos os momentos que estamos sendo pagos para executar nosso papel, o afeto acaba por ser deixado de lado, assim como o ato de brincar com a criança, como defende Andrade:

Brincar com a criança não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados, tolhidos e enfileirados em sala de aula, sem ar, com atividades mecanizadas e exercícios estéreis, sem valor para a formação de homens críticos e transformadores de uma sociedade. (ANDRADE 1997, s/p)

Contra esse enfileiramento, a BNCC (2018) reforça que precisamos estimular a criatividade, liberdade e empatia nos estudantes, principalmente os do Ensino Fundamental (anos iniciais) que estão vivendo uma infância que necessita de valores. O que ouvimos então? Não podemos brincar com tinta porque suja, não podemos usar argila porque gruda, crianças não podem brincar na chuva, crianças não podem brigar e o recreio precisa ser vigiado para que ninguém se machuque: onde está a criatividade? “É através da apercepção criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida (WINNICOTT, 2020, p. 108).”

Porém na escola privada, a criança faz desenho livre e é considerado uma arte feia, pois não há um profissionalismo, uma técnica. Criança não pode bagunçar, fazer barulho, ficar ao ar livre é cronometrado. O estudante precisa ficar na sala de aula e muitas vezes (para economizar energia) não podem ligar o ar condicionado, e muito menos a luz. Logo vemos estudantes trancados, com calor, irritados, e ainda reclamamos dizendo que são rebeldes. Crianças de uma turma multisseriada de 06 anos pegando no sono à tarde - porque estão desde manhã na escola e não é permitido que descansem. Afinal, precisam estudar e mostrar serviço aos pais e comunidade. Onde está a liberdade e a empatia? Com essas inquietações buscamos realizar os ideais de Foucault:

É desta prisão, com todos os investimentos políticos do corpo que ela reúne em sua arquitetura fechada que eu gostaria de fazer a história. Por puro anacronismo? Não, se entendemos com isso fazer a história do passado nos termos do presente. Sim, se entendermos com isso fazer a história do presente (FOUCAULT, 2009, p. 34).

Preocupados com a história do presente na Educação, alguns professores transformam a sala em um espaço de brincadeira para que os alunos aprendam de forma diferente e colorida, e são cobrados pela direção porque foram “pegos” pela câmera. Ensinar hoje é resistir com resiliência. Com que liberdade, empatia e criatividade se trabalham com as crianças, se são vigiadas? Onde está o Estado de Recreio? Onde está a alegria? Afinal, o riso virou deboche, sendo que este, cura uma infinidade de males.

Estudantes são proibidos de conversar, tirar dúvidas (porque perguntam demais), são enfileirados e silenciados. Onde está o corpo vivo? E estamos realmente preocupados com isso? Ou ensinamos sempre da mesma maneira, há 30 anos, com medo de sermos demitidos a qualquer momento? "O medo dos tumultos, das gritarias e aclamações que o povo normalmente faz, o medo de que houvesse desordem, violência e impetuosidade contra as partes talvez até mesmo contra os juízes (FOUCAULT, 2009, p. 55)."

Em rede privada atualmente, faz-se necessário criar, superar, inovar e transformar. Precisamos nos reinventar! Mas chegamos na escola com ideias inovadoras e escutamos: “Mas já tentamos e não deu certo, vamos seguir deste modo, dá menos trabalho!” como se mudar fosse uma ameaça, assim como o Estado de Recreio. O ensino arcaico ainda prossegue como nos explica Foucault:

Essas instituições tinham como pressuposto educativo a perspectiva de docilizar e controlar os corpos. Seu olhar histórico anuncia e denuncia fatos, como a intenção de vigiar e punir o adestramento dos corpos e mentes dos sujeitos, considerados, neste ínterim, de forma objetivada, como objetos. E, como objetos, podem ser moldados e domesticados, em acordo com as normas sociais aludidas pelo Estado, pelo poder. Este mecanismo de poder permite “extrair dos corpos tempo e trabalho, mais do que bens e riqueza” (FOUCAULT, 2009, p. 42).

Nessa constante hierarquização algumas escolas privadas estão velhas, no sentido de acharem que já estão prontas e não precisam mudar! Neste sentido excluem três potenciais que as levariam ao sucesso: Generosidade mental, coerência ética e humildade intelectual (CORTELLA, 2014). Não precisamos de chefes e líderes, mas de pessoas que possuam a coragem de se colocar. E o Estado de Recreio resiste a esse ambiente?

3 SEGUNDO DESAFIO: A TEMIDA TURMA MULTISSERIADA

Antes de discutirmos sobre a existência ou não de um Estado de Recreio em uma escola de rede privada, precisamos olhar para os protagonistas desta investigação: “a temida turma multisseriada”, denominada por nós como “turma mista”. Um dos principais desafios enfrentados ao discutirmos sobre estes estudantes, é o fato de que existem poucos estudos sobre o ensino multisseriado em escolas particulares, a maioria, trata-se de estudantes de escolas do campo e isoladas. O que torna o planejamento de aulas um obstáculo devido aos diferentes estudos e contextos sociais dos alunos.

Neste sentido buscamos entender o funcionamento desse ensino multisseriado, estabelecendo relações com o que observamos na rede privada de ensino, suas diferenças e semelhanças, sendo uma delas, a dificuldade enfrentada pelos professores. Primeiramente conceituamos o entendimento sobre este ensino:

(...) a classe multisseriada é organizada, na maioria das vezes, pelo número reduzido de alunos para cada série, o que a caracteriza como mais do que uma simples classe. Ela representa um tipo de escola que é oferecida a determinada população e remete diretamente a uma reflexão sobre a concepção de educação com que se pretende trabalhar (ROSA, 2008, p. 228).

A autora define uma sala onde os professores precisam auxiliar alunos de diferentes anos do Ensino Fundamental ao mesmo tempo, nesse sentido é importante enfatizar que as crianças da 1ª série estão em grande desvantagem no processo de alfabetização, porque não recebem a atenção necessária; e outra limitação está no planejamento, criando quatro planos de aula por dia, cada um para sua turma.

Nessa situação destaca-se uma diferença entre a Escola Rural e a Escola Privada, na do campo o turno do estudo já é o do ensino multisseriado, porém o da rede privada, funciona em turno inverso, ou seja, estudantes que vão para a escola de manhã, os pais não têm com quem deixá-los e os colocam na turma multisseriada para que consigam buscar após o trabalho. Outro desafio então se estabelece, o cansaço e exaustão das crianças que passam na realidade, dez horas na Instituição.

Ao longo dos estudos, pudemos constatar autores que defendem e que criticam este modelo de ensino, nosso papel não seria de incriminar, apenas, relatar os desafios enfrentados em sala. Uma das consequências positivas que observamos durante nossa docência foi uma microssociedade criada pelas crianças, onde cada aluno se adaptou à realidade do outro, aos poucos trocaram informações, vivências, e aprenderam uns com os outros, espontaneamente.

Nesta correria de uma classe para a outra, gostaríamos de destacar algumas questões: a primeira é que os pais das crianças passaram a encarar a turma como uma aula de reforço, na qual deveríamos realizar os deveres de casa com os estudantes e estudar com os mesmos para algumas possíveis avaliações ao longo do ano. O que tornou nosso trabalho exaustivo e frustrante, visto que alguns alunos acabavam mais cedo os temas e ficavam incomodando os que ainda estavam tentando se concentrar. Outro ponto foi o nível de dificuldade dos estudantes do primeiro ano, com idade de 06 anos, no início da alfabetização, pediam ajuda de cinco em cinco minutos.

Outra questão que colocamos foi a importância de uma turma multisseriada ter a presença de um auxiliar para que o professor não se sinta sobrecarregado, muitas vezes descontando assim suas frustrações nas crianças. Juntos (auxiliar e professora) tivemos a ideia de pedir auxílio aos estudantes mais velhos que terminavam cedo o dever, assim que concluíssem que ajudassem os menores a terminarem as lições. Houve momentos incríveis de aprendizagem, inclusive com cenas dos alunos do quarto ano do Ensino Fundamental escrevendo no quadro as letras e alfabetizando as crianças do primeiro ano.

Ao longo das descobertas para um maior aproveitamento do ensino, existia a cobrança de trabalhar

conteúdos com as crianças de modo divertido, mas que sobressaísse a aprendizagem, tais rebeldias e brincadeiras ousadas descreveremos a seguir. Por enquanto seguem os desafios e investigações. Um dos obstáculos que surgiram foi o aumento considerável dos estudantes da turma mista, que passaram de sete alunos para vinte e quatro do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental. Como trabalhar com este número, em um ensino divertido que favoreça o aprendizado? Como fazê-los imergir nas aulas se não necessitavam ser avaliados, visto que não é uma turma regular? Como estratégias, decidimos brincar, jogar, explorar o corpo dessas crianças tão fatigadas, mas ao mesmo tempo tão eufóricas, barulhentas, loucas para sair para o pátio e se divertir. Nossa turma era conhecida como a mais “temida” da escola. Pois, continha vinte quatro alunos que eram tidos como extremamente “serelepes”. Neste sentido o jogo foi fundamental para a boa convivência de todos:

Os jogos podem ser ferramentas instrucionais eficientes, pois eles divertem enquanto motivam, facilitam o aprendizado e aumentam a capacidade de retenção do que foi ensinado, exercitando as funções mentais e intelectuais do jogador. Além disso, também permitem o reconhecimento e entendimento de regras, identificação dos contextos que elas estão sendo utilizadas e invenção de novos contextos para a modificação das mesmas. Jogar é participar do mundo de faz de conta, dispor-se às incertezas e enfrentar desafios em busca de entretenimento. Através do jogo se revelam a autonomia, a criatividade, a originalidade e a possibilidade de simular e experimentar situações perigosas e proibidas no nosso cotidiano. (TAROUCO et al., 2004, p. 1-2).

Na busca por estimular a autonomia, imaginação, a união, imersão, diversão e para dar vida a estes corpos, realizamos uma tentativa de estimular o Estado de Recreio para dentro da sala de aula, de modo que essas 10 horas atrás das grades curriculares se transformassem em um recreio existencial e que ao final das práticas escutássemos, de pelo menos um estudante, “como fui feliz!”, e será que conseguimos?

4 TERCEIRO DESAFIO: O ESTADO DE RECREIO NA TURMA MISTA

Neste capítulo buscamos a partir de um processo colaborativo entre docente e auxiliar, uma tentativa de estimular o Estado de Recreio com a “temida turma mista”, com 24 alunos de 06 a 10 anos. Elencamos a seguir atividades que foram potentes para a criatividade e engajamento dos estudantes, motivo pelo qual, houve um aumento considerável de estudantes na turma.

A primeira atividade que rendeu momentos de criação de modo sensorial, denominamos de “Arte com café” e consistiu em levarmos pó de café, bala de café para os estudantes, a fim de explicar sua importância na história do Brasil. Primeiramente foi contada a história infantil “Bule de Café” do autor Luís Camargo, que narra o nascimento do café de modo poético e com rimas. Após a leitura, distribuímos as balas, pedimos que fechassem os olhos e saborearem o gosto do café.

Esse exercício sensorial nos surpreendeu, visto que começaram a descrever as sensações como experts em café. Em seguida, disponibilizamos aos estudantes pó de café, água, cola, pincel e papéis em branco, para que inspirados na história e na atividade sensorial, criassem uma arte. Surgiram desenhos interessantes, bonitos, surreais, e alguns estudantes aproveitaram o momento e mergulharam as mãos no pó

de café, pintando então com as mãos. Foi uma aula ousada e divertida que seguiu sendo contada pelos corredores da escola.

Porém, tudo que é bom dura pouco, fomos cobrados que deveríamos dar uma aula de reforço para auxiliar os professores regentes. E além disso deveríamos escrever a rotina dos estudantes e fazê-los copiar. Esse fato me lembrou as palavras de Foucault:

O castigo escrito é, de todas as penitências, a mais honesta para um mestre, a mais vantajosa e a que mais agrada aos pais; [permite] tirar dos próprios erros das crianças maneiras de avançar seus progressos corrigindo-lhes os defeitos; [àqueles, por exemplo], que não houverem escrito tudo o que deviam escrever, ou não se aplicarem para fazê-lo bem, se poderá dar algum dever para escrever ou para decorar. (FOUCAULT, 2009, p. 204).

Estávamos revoltados com a cobrança, visto que quando os alunos ficaram sabendo que iriam copiar do quadro a rotina, reclamaram argumentando que já escreviam frequentemente pela manhã. Rebeldes que somos, a cada dia resolvemos escrever a rotina de modo diferente, em alguns, mudávamos o idioma e fazíamos as crianças copiarem e adivinharem que dialeto seria. Em outros dias escrevemos do final para o início, misturando algumas partes e os estudantes deveriam descobrir a ordem. Foi ali, na simplicidade que percebemos que o Recreio pode existir até mesmo na escrita de uma Rotina. Os estudantes gostaram tanto das propostas que não precisamos mais pedir para que abrissem os cadernos. Neste momento a rebeldia deu lugar a gratidão, como explica Freire:

Não posso ser professor sem me pôr diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar politicamente. Não posso escapar à apreciação dos alunos. E a maneira como eles me percebem tem importância capital para o meu desempenho. (FREIRE, 1996, p. 96).

Outra atividade que gostaríamos de relatar, partiu de uma cobrança por parte dos professores que pediram para que os estudantes praticassem mais a leitura nas aulas da Turma mista, resolvemos então trabalhar esta questão na semana farroupilha, tão tradicional do Rio Grande do Sul, que alvoroçou de modo animado os alunos, demonstrando interesse com as revoluções do estado. Tivemos a ideia então de criarmos uma “guerra” em sala de aula. Primeiramente pegamos folhas de rascunho que iriam para o lixo, no verso, escrevemos alguns momentos da história da revolução farroupilha. Após a escrita, amassamos os papéis em bolinhas, dividimos a turma em dois grupos, um seria o republicano e o outro a nobreza. Estes deveriam guerrear, e no momento que escutassem “fim da guerra” a república deveria se render e o outro grupo venceria. Esse exercício foi incrível, com autonomia os alunos se dividiram em personagens, tivemos médicos, relatores de guerra, o rei, a rainha, o príncipe, um espião. No meio da revolução gritavam para um médico socorrer, gritavam os nomes das armas, e viveram de corpo e alma a brincadeira. Ao final, os republicanos se renderam e ouvimos de um estudante de 6 anos aos berros: “Lutamos bravamente pelo Rio Grande do Sul, perdemos a batalha, mas não a guerra! Sintamos orgulho!” Esta luta com vivacidade e criatividade Bachelard (2009) corrobora: “Pela imaginação, graças às sutilezas da função do irreal,

reingressamos no mundo da confiança, no mundo do ser confiante, no próprio mundo do devaneio. (BACHELARD, 2009, p. 18).” Esta confiança fez-se visível e pudemos contemplar estudantes extremamente tímidos e inseguros, guerreando bravamente com seus aliados.

Após a consolidação da paz, recolhemos as “armas”, unimos os alunos em círculo, sentamos e pedimos que lessem em voz alta o que dizia nos papéis. Explicamos sobre a revolução e eles entenderam e se interessaram tanto que durante a semana, seguiram pesquisando sobre as revoluções do Rio Grande do Sul. Essa linda batalha coletiva nos remeteu as palavras de Moraes:

O docente precisa assumir a postura de um eterno pesquisador. Entender que os estudantes que vai receber em cada ano são mutáveis. Por isso, precisa estudar e elaborar novas estratégias para alcançar a atenção do aluno, e proporcionar a este, uma experiência valorosa, que possa trazer significativa mudança em sua vida como cidadão e ser pensante. (MORAES, 2004, p. 279).

Precisamos criar estratégias de recreio em sala para que os alunos se divirtam e que torne a escola um lugar de liberdade criativa e engajada. Aproveitando a imersão das crianças com o Rio Grande do Sul, decidimos fazer uma culinária com um prato típico gaúcho “a cueca virada”. Primeiramente contamos a história do doce, em seguida os estudantes colocaram a mão na massa, nesse dia pudemos trabalhar matemática, pois contaram os ingredientes e suas quantidades. Ao ver o prato pronto sentiram-se orgulhosos, e sentamos para um piquenique, não como professores e alunos, mas como companheiros de culinária. Esse dia tão significativo vai ao encontro com Callegaro:

[...] a educação constitui o palco no qual podemos tornar nossa ação significativa. É por meio dela que decidimos se devemos ou não amar nossos educandos a ponto de não segregá-los de nosso mundo, deixando-os à mercê da própria sorte. Não obstante, é por meio da educação que podemos pensar a constituição de um sujeito autônomo, capaz de empreender coisas novas, na difícil tarefa de transformação do mundo. (CALLEGARO, 2012, p. 100).

Nessa busca pela autonomia percebemos o quanto faz-se necessário amar o nosso trabalho, apesar dos infortúnios da rede privada, sabermos que estamos lá pelos estudantes! Mas, como as crianças se entediavam rápido, precisamos desenvolver estratégias que atraíam a atenção e engajamento dos alunos. Então decidimos que um dia da semana, uma criança seria responsável por escrever a rotina, escolher as atividades do dia e nós professores seríamos os auxiliares. Foi importante observar a postura dos estudantes, ao se enxergarem como professores, ouvimos um dia de uma criança de sete anos: “Como vocês conseguem? Eles não ficam quietos! Já chamei atenção e nada!” E assim, desenvolveu-se a empatia, pois sentiram na pele o que o professor passa em sala de aula. Após essa estratégia, notamos que a turma começou a nos respeitar mais e diminuíram a balbúrdia, se sentiram importantes e se encheram de coragem. Esse fato nos remeteu a Castoriadis:

Eu gostaria muito que alguém contestasse por um momento, com argumentos racionais, o direito dos estudantes de colocarem, desde que disso sejam capazes, a questão: Por que, e em que o que nos ensinam é interessante ou importante? Eu gostaria muito que alguém refutasse a ideia de que a verdadeira educação consiste também em levar os estudantes a terem a coragem e a capacidade de colocar este gênero de questões e de discuti-las. (CASTORIADIS, 2002, p. 31).

Como defendido por Castoriadis (2002), os estudantes precisam ter o direito de argumentar, de lutar pelo que acreditam, afinal, a escola só existe graças a eles, os protagonistas. Esta autonomia também aconteceu quando decidimos montar uma rádio com as crianças, como se fossem youtubers. Se animaram e sem necessitar de nossa mediação, se dividiram em apresentador, o moço da propaganda, a cantora de *jingles* no meio da gravação, o moço das piadas, o do esporte, a que selecionava as músicas, com direito a ouvintes que ligavam na rádio para pedir música. Foi incrível observar que a partir da rádio pudemos trabalhar a desinibição, a expressão vocal e assuntos de conhecimento geral, afinal, todos os dias a rádio era realizada com alguma novidade na famosa: “Rádio FM apresenta: Turma Mista!”

A rádio realizada pela turma mista gerou um grande engajamento, e no dia seguinte tiveram a ideia de se vestirem de repórteres e entrevistarem as turmas do Ensino Fundamental e da Educação Infantil, questionando sobre o lugar e a hora preferida da escola para os alunos. Nesta entrevista, ficou evidente que a maioria das crianças preferia a Pracinha da escola, na hora do recreio e trouxeram exclamações como: “Deveria durar o dia todo!”, “é muito pouco tempo pra gente brincar e ainda os professores ficam vigiando, parece que brincar é errado!” Sobre essas constatações Foucault critica: “Um corpo liquidado, reduzido à poeira e jogado ao vento, um corpo destruído parte por parte pelo poder infinito do soberano, constitui o limite não só ideal, mas real do castigo (FOUCAULT, 2009, p. 68)”.

Neste dia ficou evidente o controle exercido pelos estudantes e o medo de serem descobertos brincando. Deixando claro que “o exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam. (FOUCAULT, 2009, p.196).

Tal hierarquia buscamos desconstruir com a turma mista, nessas aulas em muitos momentos nos resguardamos para que os estudantes se sobressaíam com suas ideias. Ao fazermos isso, damos uma importância ao posicionamento e às ideias incríveis que surgem do universo infantil. Nesse mesmo dia, as crianças reclamaram que o clima estava quente para permanecerem na sala de aula e pediram para que o recreio durasse mais de vinte minutos. Fizemos com que durasse uma hora, porém este fato foi desaprovado pela direção, nosso argumento foi que as crianças deveriam ter o momento de brincar livremente e criar, e a contra argumentação foi que isto era uma perda de tempo. Essa discussão nos lembrou Winnicott:

Os jogos e sua organização devem ser encarados como parte de uma tentativa de prevenir o aspecto assustador do brincar. Pessoas responsáveis devem estar disponíveis quando crianças brincam, mas isso não significa que precisem ingressar no brincar das crianças. Quando o organizador tem de se envolver, numa posição de administrador, ocorre então a implicação de que a criança ou crianças são incapazes de brincar no sentido criativo que pretendo expressar nessa comunicação. (WINNICOTT, 2020, p. 84).

E era realmente o papel de administradores da brincadeira que a escola particular muitas vezes deseja que cumpramos. Que vigiemos constantemente, mas e os desejos dos estudantes? E sua criatividade? Estavam brincando todos juntos sem nossa mediação, com espontaneidade, liberdade e respeito, deixamos então que as crianças fossem suas próprias administradoras e ficamos ao longe escutando seus desejos.

Um dos pedidos exposto pelas crianças foi a criação de bandas do gênero *Rock*, nós aceitamos prontamente, porém como ouvimos da direção que deveríamos trabalhar a interdisciplinaridade com outras matérias, resolvemos utilizar o inglês. Neste dia trouxemos a música “*I will rock you*” da banda *Queen*, escrevemos no quadro, ensinamos o significado da música e juntos realizamos uma banda. Após aprenderem sobre a música, pediram que criassem instrumentos musicais para a construção da apresentação musical. Então, entregamos as crianças latas de Nescau vazias, com fitas de TNT e EVA para colorirem as baterias. Os instrumentos ficaram incríveis, e o que mais nos surpreendeu foi que as crianças se dividiram em dois grupos, deram os nomes das bandas, e escolheram o que cada um iria tocar. E o que antes era apenas uma bateria de lata, se tornava uma guitarra, um baixo, um violão. Ansiosos, nos apresentaram a música estudada e fizeram até mesmo uma coreografia. Esse dia foi importante para percebermos que quando os alunos estão engajados, eles mesmos estimulam o Estado de Recreio em sala, e se o professor estiver disposto, pode ser afetado, como aconteceu conosco. Este fato remete a Bachelard: “Uma infância potencial habita em nós. Quando vamos reencontrá-la nos nossos devaneios, mais ainda que na sua realidade, nós a revivemos em suas possibilidades.” (BACHELARD, 2009, p. 99).

Na semana que se seguiu, houve muito conflito com a direção da escola, que se negou a entregar alguns quadros realizados pelas crianças, inclusive pintaram de branco para que fossem reutilizados. Chateados com a notícia, alguns se mostraram bravos pois o argumento utilizado pela hierarquia foi: “Não é profissional! Parece um monte de rabisco! Não vamos expor este tipo de trabalho para os pais!” Em resposta ouvimos de um menino de 06 anos dizendo que não era rabisco e sim uma surrealidade que vinha de sua arte. Revoltados com a situação, propuseram um manifesto com artes e desenhos livres com tintas, argilas, sem uma necessidade de forma! Neste dia optamos então por criar conjuntamente um cartaz sobre diversidade que defendia: “a arte da criança também é arte! Minha arte não é “lixo” e eu quero que seja exposta!”. O painel ficou colorido, recreativo e cheio de mensagens pelas próprias crianças da turma mista. Após a conclusão, pediram que os professores e os demais alunos assinassem o manifesto. Como resolução que não nos surpreendeu, a equipe diretiva olhou, deixou o cartaz exposto por apenas um dia e no dia seguinte encontramos ele jogado no lixo. Resolvemos não contar às crianças para não se frustrarem tão cedo com a vida na escola particular, em que artes devem ser perfeitas, se não o forem, vão para o lixo! Como disse Foucault:

Na oficina, na escola, no exército funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseira, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes “incorretas”, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). (FOUCAULT, 2009, p. 203).

As micro penalidades expostas pelo autor, não nos deixou desistir de nos divertimos brincando com as crianças, e mostrando as mesmas que são importantes e protagonistas do ensino. Ao mesmo tempo, foi lindo ver a beleza e a valorização das crianças com a própria arte, como diz Bachelard: “As experiências só vêm depois. Elas vão a contravento de todos os devaneios de alçar vôo. A criança enxerga grande, a criança enxerga belo. O devaneio voltado para a infância nos restitui à beleza das imagens primeiras” (BACHELARD, 2009, p. 101). Neste vôo no mundo da imaginação, chegamos a última atividade que gostaríamos de destacar, que foi a construção da corrente da festa junina. As crianças tiveram a ideia de construir “a maior corrente do mundo” como definido por elas. Decidimos aceitar a proposta, a turma prontamente coletou jornais, revistas e folhas que iriam para o lixo, recortaram os papéis como uma pulseira e foram colando, alguns grampeando. Durante uma semana trabalharam arduamente para a confecção da mesma. Como deveríamos trabalhar interdisciplinarmente, decidimos medir o comprimento da corrente e denominar suas cores em inglês e como estávamos trabalhando sobre a história do Brasil, discutimos com as crianças sobre as correntes utilizadas na escravidão e sobre o racismo e violência sofridos pelos escravos. Foi importante discutir esses assuntos que muitas vezes são negligenciados no ambiente escolar e ao final escutamos de um estudante (que era extremamente rude) dizendo: “Que bom! Agora podemos dar um novo significado para as correntes!” Ao final, no dia da festa, quando as crianças da turma mista entraram e avistaram a corrente que preencheu todo o salão, ficaram eufóricas, nos abraçaram e contaram aos pais que foram elas as “construtoras da corrente!”. Como foi lindo ver a união e a emoção de ver os trabalhos sendo expostos. Este evento nos remeteu a Winnicot: “A característica essencial do que desejo comunicar refere-se ao brincar como uma experiência, sempre criativa, uma experiência na continuidade espaço tempo, uma forma básica de viver” (WINNICOTT, 2020, p. 84).

Na semana seguinte, eu (professora regente), fui demitida da turma mista sem aviso prévio, e o argumento foi que os estudantes estavam brincando mais, do que estavam aprendendo. No dia que me despedi, choraram, me escreveram cartas, me mandaram desenhos e se mostraram muito magoados em me ver partindo. O auxiliar de turma me relatou que durante a semana os estudantes seguiram tristes e reclamando que o recreio deles foi retirado, e colocado na hora da saída, diminuindo assim a liberdade e o pátio no qual podiam correr e se aventurar. “O velho esquema simples do encarceramento e do fechamento — do muro espesso, da porta sólida que impede de entrar ou de sair!” (FOUCAULT, 2009, p. 196). Observamos a olho nu, um lindo Estado de Recreio, se tornar uma disciplina rígida, com horários e ordens. E a turma mista viva, cheia de alegria, uma das turmas mais silenciadas da escola, afinal: Diante da justiça do soberano, todas as vozes devem-se calar (FOUCAULT, 2009, p. 55). Para que os professores não

desistam da profissão da docência, é preciso resistir! Pensar diferente, instigar os estudantes, procurar vida em ambientes móbidos, tentar ser cor em lugares cinzas e trazer alegria e liberdade para escolas (neste caso de rede privada), que muitas vezes encarceram as crianças. Frisamos também ao final desta jornada a importância do ensino colaborativo entre professor de turma e auxiliar, que ambos se respeitem, troquem opiniões, embarquem juntos nesse Recreio em sala de aula. Que sejam parceiros, de mãos dadas, afinal, ainda seguem os desafios. Estaremos prontos para enfrentá-los?

5 OS DESAFIOS QUE SEGUEM

“Na turma mista eu posso brincar e aprender! Lá eu sou livre e o recreio dura mais do que 20 minutos, parece que o recreio dura a tarde toda!” Foram falas como esta que permearam o Recreio vivido em sala, com uma professora maluca, um auxiliar parceiro de loucuras, uma turma mista que antes eram sete crianças e ao final se tornaram vinte e quatro estudantes inseparáveis. Afinal, foi notório a união dos alunos que passaram a interagir mais entre si e se respeitando.

Nesta despedida ficam as lembranças de dias frios em que descíamos com as crianças para fazer um lanche coletivo sentados no sol, a fim de aquecê-las. O sorriso delas, nos fazia ignorar os olhares críticos da equipe diretiva. O recreio que em alguns dias durava uma hora de brincadeiras livres, eram tão significativos, que não nos importávamos quando a diretora pedia que fizéssemos uma brincadeira dirigida. Acreditamos que os estudantes precisam desses momentos de liberdade. A turma mista que passa o dia todo sentada em classes duras, tem o direito sim de brincar por mais de 20 minutos sem a intervenção de adultos, mas sim, com estes brincando junto. Corremos, brincamos de esconde esconde, nos molhamos de tinta, argila e café. Jogamos capoeira, dançamos, cantamos, fizemos bandas e rádios. Com um ensino colaborativo entre professores, auxiliares e crianças, construímos um Recreio divertido, leve e colorido como a Educação deveria ser. Os desafios seguem, assim como os muros da escola, as disciplinas, os horários, as cobranças por parte da direção e dos pais. O medo de ser demitido, de reprovar, de não passar de ano, de não aprender. Do outro lado, estamos nós, professores que amamos nossa profissão, lutando todos os dias por e para eles, os estudantes, os protagonistas. Para ver o sorriso no rosto, passamos por desafios, humilhações e reprovações. É como costumamos chamar a arte de ser professor, como um eterno doar-se ao outro, e nesta doação, surge o Estado de Recreio que convida a todos, vamos brincar também na sala de aula?

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. Marinheiro. In: **A senha do mundo**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. Martins Fontes, 2009.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília: Ministério da Educação; Conselho Nacional de Secretários de Educação; União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação, 2018.
- CALLEGARO, R. Notas sobre a crise na educação no pensamento de Hannah Arendt. **Revista Educação E Políticas Em Debate**, v. 1, n. 1, p. 256-268, 2012.
- CASTORIADIS, C. **As encruzilhadas do labirinto IV**—a ascensão da insignificância. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CORTELLA, M. **Educação, Escola e Docência**: novos tempos, novas atitudes. São Paulo: Cortez, 2014, 126 p. ISBN 978- 85-249-2192-6.
- DA ROSA, A. Classes multisseriadas: desafios e possibilidades. **Educação & Linguagem**, v. 11, n. 18, p. 222-237, 2008.
- DA SILVA MELO, D.; DA SILVA PESSOA, J. **Ensino multisseriado da Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima na zona rural do município de Faro/Pará**: um estudo de caso com avaliações e desafios. AYA Editora, 2022.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: o nascimento da prisão. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MORAES, M. **Pensamento eco-sistêmico**: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- RYNGAERT, J. **Jogar, representar**. Paraná: Editora Cosac Naify, 2009.
- SANCHES, M. J. P. **Entre reinos, planetas e canetinhas**: processos de drama com crianças. 2018. Monografia - UFSM – Licenciatura em Teatro, Santa Maria (RS), 2018.
- SANTOS, W. **A prática docente em escolas multisseriadas**. RIOS Eletrônica – Revista Científica da Faculdade Sete de Setembro. n.9, p. 71- 80, dez, 2015.
- SARMENTO, M. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. **Crianças e miúdos**: perspectivas sócio pedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, p. 9-34, 2004.
- SILVA, I. **Escolas multisseriadas**: quando o problema é a solução. Lages, 2007. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense.
- TAROUCO, L. **Jogos educacionais**. RENOTE: revista novas tecnologias na educação [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS, 2004.
- WINNICOTT, D. **O brincar e a realidade**. Ubu Editora, 2020.